

# DINO BUZZATI

## O Segredo do Bosque Velho

«Magnífico, o último fabulista moderno.»

*The Guardian*



cavalo de ferro

Sabe-se que o coronel Sebastiano Procolo se veio a estabelecer no Vale de Fondo na Primavera de 1925. Seu tio, Antonio Morro, tinha-lhe deixado, ao morrer, parte de uma enorme propriedade florestal a dez quilómetros da povoação.

A outra parte, muito maior, fora deixada ao filho de um irmão já falecido do oficial, Benvenuto Procolo, um rapaz de doze anos, órfão também de mãe, que vivia num colégio particular a pouca distância de Fondo.

Até então, o tutor de Benvenuto tinha sido o tio-avô, Morro. Posteriormente, a custódia do rapaz foi confiada ao coronel.

Naquele tempo, e assim se manteve mais ou menos até ao fim, Sebastiano Procolo era um homem alto e magro, com um vistoso par de bigodes brancos e uma força fora do comum, contando-se até que era capaz de partir uma noz entre o indicador e o polegar da mão esquerda (Procolo era canhoto).

Quando se aposentou do exército, os soldados do seu regimento suspiraram de alívio, pois dificilmente se podia imaginar um comandante mais severo e metuculoso. A última vez que ele transpôs, para sair, o portão do quartel, a formação da guarda foi feita com especial celeridade e precisão, como não acontecia havia alguns anos; o trombeteiro, apesar de ser o melhor do regimento, superou-se a si próprio com três toques de sentido que, pelo seu esplendor, se tornaram notórios em toda a guarnição. E o coronel, com um ligeiro arqueamento dos lábios, que podia parecer um sorriso<sup>1</sup>, deu

1 Nunca se viu no rosto de Procolo um verdadeiro sorriso.

mostras de interpretar como um sinal de comovida deferência aquilo que na realidade era uma manifestação de júbilo interior pela sua partida.

Morro, proprietário pacífico, considerado o homem mais rico do vale, não tinha explorado a fundo as suas propriedades. É certo que mandara abater muitas plantas, mas apenas numa zona restrita dos seus bosques. A floresta mais bela, apesar de menor, o chamado Bosque Velho, tinha sido totalmente respeitada. Lá se encontravam os abetos mais antigos da região, e talvez do mundo. Durante centenas e centenas de anos nunca ali fora cortada uma única planta. O Bosque Velho coubera em herança precisamente ao coronel, com uma casa que já fora residência de Morro e uma faixa de um outro terreno arborizado que se poderia definir como periferia.

Morro, como aliás toda a população do vale, tinha uma autêntica veneração por aquela enorme floresta, e antes de morrer tentara, em vão, que esta fosse declarada monumento nacional.

Um mês após a sua morte, em reconhecimento dos seus méritos florestais, as autoridades de Fondo inauguraram, na clareira do bosque em que se situava a casa de Morro, uma estátua do falecido, esculpida em madeira e pintada de cores vivas.

Todos a acharam realmente parecida e magnífica. Mas quando, na cerimónia inaugural, um orador disse: «... é justo, pois, que da sua obra permaneça um sinal de lembrança imorredouro», muitos dos presentes acotovelaram-se, rindo à socapa: seis meses, mais coisa menos coisa, durava uma estátua como aquela e depois apodrecia.

### 3

Foi Giovanni Aiuti, homem de meia-idade, que já tinha sido caseiro de Morro, quem foi esperar o coronel Procolo à estação no dia da sua chegada, num automóvel de modelo antigo. A primeira conversa não foi das mais cordiais. (Mais tarde, o bom do Aiuti teve ocasião de se lamentar muitas vezes por ter sido talvez um bocado petulante naquela altura.)

– Extraordinário! – disse ele ao coronel mal terminaram as apresentações.

– O senhor sabe que é muito parecido com o infeliz Morro? O nariz é exactamente igual.

– Ah, sim? – perguntou o coronel.

– Mesmo muito parecido – explicou Aiuti –, quase se diria que é ele mesmo, se não se soubesse...

– Aqui nesta terra é costume brincar, não? – disse o coronel, glacial.

– Que exista de facto esse costume não se pode dizer – respondeu Aiuti, muito embaraçado –, mas de vez em quando graceja-se... Valha-me Deus! Coisas sem importância.

De automóvel, dirigiram-se imediatamente à casa de Morro. Nos dois primeiros quilómetros, a estrada corria por entre os campos do profundo vale, depois subia através de pradarias despidas e a cerca de quatro quilómetros da casa entrava no bosque, um bosque pouco denso, com plantas altas mas enfezadas. A um quilómetro da habitação entrava num planalto, onde se abria uma ampla clareira. Dali se avistava, e ainda hoje se avista muito bem, o célebre

Bosque Velho, que se estendia entre dois montes em forma de cúpula e subia até ao cimo do vale. Sobre a colina mais distante sobressaía um grande rochedo amarelo, talvez com uns cem metros de altura, que se chamava o Corno do Velho; nu e corroído pelos anos, tinha um ar esquelético que não atraía simpatias.

Nessa primeira viagem, conforme contou depois Aiuti, o coronel encontrou motivo para se irritar três vezes.

A primeira foi numa curva da estrada muito íngreme, pouco abaixo da clareira, onde o automóvel se deteve por falta de gasolina. Aiuti conseguiu esconder de Procolo, pouco conhecedor de motores de explosão, o verdadeiro motivo por que o carro tinha parado. Disse que lhe acontecia sempre aquilo naquela subida, porque o automóvel era muito velho e não aguentava grandes esforços<sup>2</sup>. O coronel, sem protestar, não disfarçou no entanto o seu despeito:

– Morro – perguntou – como é que fazia?

– Morro – respondeu Aiuti – tinha uma égua e um cabriolé. A égua, coisa estranhíssima, morreu precisamente no dia a seguir ao dono. Era um animal muito afeiçoado.

A segunda irritação do coronel ocorreu ao pé de um grande larício todo seco. Enquanto os dois avançavam a pé, ouvira-se um grito rouco vindo do alto. Olhando para cima, Procolo vira, empoleirado num dos últimos ramos, um pássaro negro de notáveis dimensões.

Aiuti explicou que aquela era a velha pega guardiã, que o saudoso Morro tinha em grande consideração: estava pousada na planta de dia e de noite, e quando alguém passava pela estrada fazia ouvir o seu pio, para avisar quem se encontrasse na casa. De facto, o grito ouvia-se mesmo

<sup>2</sup> Esta mentira obrigou depois Aiuti, nas viagens que a seguir fez sozinho, a parar o automóvel naquela subida e a fazer a pé os últimos dois quilómetros e meio. De outro modo, ter-se-ia desmascarado.

a grande distância. A habilidade do pássaro consistia no facto de só emitir o seu grito de alarme no caso de alguém subir em direcção à casa; aos que desciam para o vale, o bicho não dava importância. Por isso servia excelentemente de sentinela.

Procolo declarou de imediato que aquele assunto não lhe agradava. Que confiança se podia ter em semelhante pássaro? Devia ter posto ali um homem, o tio, se queria ter sinais fiáveis. Além disso, o bicho com certeza dormia; portanto, como é que podia exercer vigilância durante o sono? Aiuti fez notar que a pega habitualmente dormia com um olho aberto.

— Basta, basta... — disse ainda o coronel Procolo, pondo fim à discussão, e recomeçou a andar batendo com a bengala no chão, sem deitar sequer um olhar àquele bosque que começava a ser seu.

Procolo irritou-se pela terceira vez quando chegou à casa. Era um edifício velho, bastante complicado, que podia até considerar-se pitoresco.

A atenção do novo proprietário foi atraída em primeiro lugar por um cata-vento de ferro que se encontrava no cimo de uma chaminé.

— Um ganso, parece-me, não é? — perguntou.

Aiuti admitiu que o cata-vento tinha precisamente a forma de um ganso; Morro tinha-o mandado fazer haveria uns três anos.

A propósito disso, o coronel acrescentou que, na sua opinião, se impunha fazer algumas alterações naquela casa.

Por sorte veio um ligeiro sopro de vento, daqueles que quase nunca faltam nos bosques de uma certa extensão, e o coronel pôde verificar que o ganso, ao girar, não produzia o menor ruído. Esta constatação pareceu tranquilizá-lo um pouco.

Da casa saía entretanto Vettore, o criado do tio Morro, com os seus sessenta anos, anunciando ao coronel que, às suas ordens, o café estava pronto.



Na manhã seguinte, por volta das 10:30h, chegaram à casa cinco homens devidamente anunciados pela pega. Eram os elementos da Comissão Florestal, que vinham fazer uma inspeção.

O chefe explicou ao coronel que a lei determinava visitas de controlo para verificar se os proprietários não abusavam do corte de plantas. Não era esse o caso de Morro, que, embora tivesse explorado ao máximo o pequeno bosque que rodeava a clareira (o qual deveria agora ser poupado durante muitos anos), deixara em óptimas condições todas as florestas que agora pertenciam a Benvenuto e nunca tocara no famoso Bosque Velho, o orgulho do vale. Mas formalidades eram formalidades, e a visita tinha de ser feita.

O coronel mostrou-se bastante reservado, mas no fundo não lhe desagradou ser imediatamente acompanhado na visita ao Bosque Velho, de que tanto ouvira falar.

Procolo e a Comissão puseram-se a caminho. Atravessada a zona de bosque que agora estava desarborizada (o chefe da Comissão expressou a sua grande admiração por Morro ter mandado abater as plantas aos poucos, desbastando a floresta e expondo-a assim a estragos tremendos em caso de tempestade), chegaram os seis a uma paliçada, para lá da qual começava uma zona de floresta muito mais basta, com abetos de várias qualidades, veneráveis e altíssimos.

Não se viam sinais de corte. Mesmo no limite jazia, estendida, uma grande árvore, que provavelmente caíra de velhice

ou com o vento. Ninguém se incomodara a levá-la dali e os ramos estavam todos cobertos de um bolor verde e macio.

Travou-se uma discussão.

O coronel perguntou se ao menos no Bosque Velho podia mandar executar cortes.

O chefe da Comissão respondeu que proibições específicas não havia; naturalmente, certos limites não deviam ser ultrapassados.

Interveio então um dos quatro membros da Comissão, um tal Bernardi, um homem alto e muito robusto, de idade indefinida e expressão cordial:

– Proibições não há – disse –, mas faço votos para que o senhor, coronel, não fique atrás do seu ilustre tio Morro. São os abetos mais antigos que se conhecem. E estou certo de que o senhor não terá a intenção...

– As minhas intenções – interrompeu Procolo – nem eu sei quais são, mas não me parece que haja motivo para tanta intromissão, desculpe-me o termo...

– Oiça o que lhe digo – atalhou o outro – e não se exalte. Em tempos, mas já há muitos séculos, esta terra estava toda despida. O proprietário era o salteador Giacomo, a quem chamavam Giaco, um homem cheio de iniciativa que tinha um pequeno exército particular. Um dia regressou sem um único soldado, morto de cansaço e ferido. Então pensou: tenho de ter mais cuidado, mais tarde ou mais cedo sou perseguido e não tenho um buraco onde me esconder; tenho de plantar um bosque onde me possa resguardar. Dito e feito, plantou esta floresta, mas como as árvores cresciam devagar teve de esperar até aos oitenta anos. Então, recrutou soldados e partiu para uma nova empresa. Passaram-se anos desde esse tempo, haveria com que fazer até um museu, mas quem lhe diz, coronel, que Giacomo não voltará? Até lhe digo mais: esperamo-lo a qualquer momento, esta noite mesmo

pode estar de volta. E podemos ter a certeza que já não terá um soldo nem um soldado. Será perseguido por centenas de homens, talvez até por mulheres, todos armados de espingardas e cacetes. Ele terá apenas uma pequena cimitarra, estará esfomeado e cansado. Não terá o direito de encontrar o seu bosque intacto, de nele se poder esconder? Então isto não é dele na mesma?

– A paciência tem limites – disparou então o coronel. – Isto é conversa de loucos.

– Não me parece ter dito nada de absurdo – observou Bernardi elevando a voz. – Tocar neste bosque seria uma coisa iníqua, é o que eu lhe digo.

Balbuciu ainda algumas palavras e depois afastou-se, embrenhando-se sozinho no Bosque Velho.

O chefe da Comissão, para justificar o colega, observou que ele era um homem estranho, um pouco nervoso; mas conhecia os bosques como ninguém; quando era necessário curar uma planta, era precioso.

O coronel parecia estar de mau humor e preparou-se para regressar sozinho. Ao mesmo tempo, do interior do Bosque Velho chegou uma voz:

– Coronel, coronel, venha aqui um momento ver!

– Quem é que está a chamar com estes modos? – perguntou Procolo ao chefe da Comissão.

– Não percebo – respondeu o outro, fingindo-se surpreendido –, sinceramente não percebo.

– Certas confianças – concluiu o coronel, que reconhecera imediatamente a voz de Bernardi –, certas confianças não estou disposto a suportá-las, diga-lhe, se assim entender.

E dirigiu-se para casa em passo veloz, enquanto no coração da floresta definhava o grito:

– Coronel! Coronel!

O facto seguinte ocorreu não se sabe bem se no dia a seguir ou dois dias depois da visita da Comissão Florestal.

Procolo, depois de jantar, passeava pelo terreiro em frente da casa.

O crepúsculo chegava ao fim quando se ouviu o sinal da pega.

O coronel perguntou a Vettore quem poderia ser àquela hora. Vettore respondeu que não fazia ideia.

Passados vinte minutos ainda não tinha chegado ninguém. Foi nessa altura que a pega gritou pela segunda vez.

– Uma vez pode enganar-se, mas duas vezes nunca aconteceu – observou Vettore.

O coronel, caminhando para cá e para lá no prado, esperou três quartos de hora sem que aparecesse alguém. Por fim, decidiu ir deitar-se, encarregando Vettore de ficar de guarda.

Eram 21:30h quando apagou a luz e se virou de barriga para baixo para conseguir adormecer. Nesse preciso momento ouviu-se pela terceira vez o sinal da pega. Mas ninguém apareceu.

O pio ouviu-se ainda às 22:30h, às 23:10h, às 24 em ponto, à 1:40h, às 2:55h e às 3:43h. Cada uma das vezes, o coronel iniciava uma espera nervosa, afastando o sono. De cada vez, acendia a luz e olhava para o relógio de ouro.

Às 3:49h, quando soou pela décima vez o grito do pássaro, o coronel saltou da cama, vestiu-se, pegou numa espingarda com alguns cartuchos e pôs-se a caminho pela estrada, em direcção à árvore onde estava a pega.

Era uma noite de lua, que mal começava a minguar.

Chegado ao limite do bosque, embora houvesse muita claridade, o coronel já não estava bem certo se tinha ou não ultrapassado a árvore da pega. Mas, de súbito, mesmo por cima da sua cabeça, ecoou o grito rouco do pássaro.

Erguendo os olhos, Procolo reconheceu, empoleirada num dos últimos ramos, a pega guardiã. Então levantou a espingarda, apontou e deixou partir um tiro.

Quando o eco da detonação se dissipou, ouviram-se apenas os gritos sonoros da pega, que tinha sido atingida e se debatia sobre o ramo.

O coronel compreendeu muito bem que ela lhe lançava pragas ferozes.

— Já estava farto dessas brincadeiras estúpidas. Não quero perder o sono por tua causa — gritou Sebastiano Procolo. — Dez vezes deste o sinal esta noite e não apareceu ninguém.

— Cobarde! — gritava a pega —, agora feriste-me gravemente. Não te vou dizer quem vi passar esta noite, não te digo, não.

— Nada foi o que tu viste passar — disse o coronel. — A prova é que te puseste a gritar também quando aqui cheguei, apesar de eu vir de casa.

— Estava meio adormecida, vi-te parado aqui em baixo. Não percebi quem era. Podia muito bem ser alguém que viesse de baixo... Será lícito errar uma vez!

A pega, entretanto, descera a muito custo de ramo em ramo, até cerca de um quarto da altura da árvore. Para se manter direita, ferida como estava, usava as asas como escoras para se apoiar, tentando esconder a sua enfermidade.

Seguiu-se um silêncio e depois começaram a ouvir-se pequenos ruídos regulares na base do tronco. O coronel verificou que eram gotas de sangue que caíam do alto.

– Quem passou aqui? Porque deste o sinal? – perguntou ainda Sebastiano Procolo.

– Não te digo – respondeu a pega –, é inútil insistires.

Outro silêncio. De novo se ouviu o tiquetaque no tronco.

– Talvez seja uma ferida insignificante – observou o coronel.

– Não tem importância, não te preocupes. De resto, mais dia menos dia queria ir-me embora deste lugar maldito. Que ingénua fui: pensava que o meu serviço de sinalização era apreciado. Mas o lugar não o posso suportar. Tudo é velho e decrépito, tudo está a apodrecer. Morro morreu. E tu, no que respeita a idade, não brincas, meu caro senhor coronel.

– Dou-te outro tiro se não paras com isso – disse Procolo, irritado.

A pega gorgolhou qualquer coisa que não se conseguiu perceber. A voz tornou-se ainda mais grave que o habitual, saindo a muito custo.

– Feriste-me à traição – disse por fim a pega. – Se calhar vou morrer. Deixa-me então dizer uma poesia.

– Uma poesia?

– Sim – disse a pega com tristeza –, é a minha única distracção. Mas tenho de fazer um esforço. Quase nunca me saem as rimas. Naturalmente, é preciso que alguém me esteja a escutar, senão é inútil. Apenas duas vezes no último ano...

– Bem – interrompeu-a o coronel –, despacha-te, então...

Fez-se silêncio e ouviu-se o tiquetaque, agora já fraco e espaçado, das gotas de sangue. A pega ergueu-se com todas as suas forças, firmando-se nas asas. Levantou a cabeça para

a lua. Depois ouviu-se a sua voz rouca, que continha uma espécie de doçura:

– Lembro os dias em que me diziam:  
«Voarás sem dúvida muito bem,  
terás a vida fácil e suave  
e muito mais longa do que as nossas».  
Assim diziam os meus irmãos.  
E eu apressava-me a responder:  
«Eu não, mas vós haveis de alcançar  
uma habilidade invulgar...»

Então a pega interrompeu-se, ofegando, para avisar:  
– Lamento, perdi uma sílaba. Por vezes acontece, é assim,  
sem saber como...

O coronel fez um gesto indulgente de tolerância com a mão direita.

– Pois bem – recomeçou o pássaro –, tínhamos ficado em:

– «Eu não, mas vós haveis de alcançar  
uma habilidade invulgar.  
Sereis vós a tornar-vos famosos.  
Erguer-vos-ão talvez monumentos.  
Sereis notáveis mais do que eu  
e haveis de morrer muito mais tarde.»

Os meus irmãos diziam então:  
«Porque queres esconder os teus méritos?  
Possuis de tal modo qualidades  
que os maiores sucessos obterás.»

Então fingia que me irritava:  
«Não, meus irmãos, hão-de ser vocês

a triunfar um dia nas Américas  
entre rubras nuvens napoleónicas.»  
A discussão não findava aqui.  
Em Abril, em Agosto e Setembro,  
mesmo em Dezembro, entre frios ventos,  
sempre estes eternos cumprimentos.

– Fizeste uma rima! – observou o coronel, lá de baixo,  
em voz alta.

– Sim – respondeu a pega –, dei-me conta disso. É pena  
que...

Sebastiano Procolo estava atento. Viu a cabeça da pega  
descair, como se lhe tivesse faltado o apoio. Todo o corpo se  
inclinou para um lado, permaneceu um momento em equi-  
líbrio e depois tombou de ramo em ramo até cair no terreno.

O coronel apanhou o pássaro do chão, tomou-lhe o peso  
na mão e colocou-o de novo no solo. Quando se foi embora,  
a noite estava a terminar.



O coronel Sebastiano Procolo herda do seu tio parte do Bosque Velho, lugar mágico habitado por génios, espíritos e forças invisíveis com o poder de se transformarem em animais ou homens. Indiferente a esta natureza idílica, o coronel tem planos bastante mais práticos para rentabilizar a sua herança, desencadeando uma guerra que diluirá as fronteiras entre o Bem e o Mal, contaminando a realidade de elementos fantásticos.

Adaptado ao cinema num filme de enorme sucesso, *O Segredo do Bosque Velho*, que recorda a prosa alegórica de Saint-Exupéry e do seu *O Príncipezinho*, é o romance onde Buzzati melhor evoca a perda da inocência e a brutalidade do real, temas que fazem parte do universo do autor.

«*O Segredo do Bosque Velho* é um hino ao valor inefável da infância.»

Hélder Dantas, *Diário de Notícias*

«Uma escrita que, na harmonia do seu conjunto, se confunde com a musicalidade da poesia.»

Ricardo Duarte, *Jornal de Letras*



cavalo de ferro

